

revista

Gente

de

PALAVRA

nº 22



Angela Fonseca Antonio Cabral Filho Aron dos Santos Pereira Benette Bacellar Carlos Fernando Leser
Chrisellen Vieira **Conceição Hyppolito** Cris Dakinis **Cristiana Moura** Édgar F. Güiza **Edweine Loureiro**
Élvio Vargas **Gabriela Claudino** Giselle Maria **Henrique Veber** Jeane Bordignon de Jesus **Joaquim**
Moncks Jorge Colleta Serafim **Jorge Ventura** Karinne Santiago **Léris Seitenfus** Lilian Rose M. da Rocha
Luiz Otávio Oliani Magaiver Wellington **Matusalém Dias de Moura** Paulo George **Vera Celms** Vinni Corrêa

Pois os Cadernos de Poemas chegaram ao meio do caminho! Do marco deste *Grito Segredos*, quinto livro da série, vislumbramos os quatro livros que lançamos anteriormente e os quatro que ainda vamos lançar. Uma coleção que se mostra heterogênea quanto aos estilos mas homogênea quanto à convicção de trabalhar o texto exaustivamente para expressar perfeitamente o conteúdo poético. Mas, se Gente de Palavra tem crescido como grupo e como proposta poética, é preciso saber agradecer a quem tem ajudado neste crescimento: O IEL – Instituto Estadual do Livro – tem dado seu apoio institucional desde nosso nascimento. Atualmente, nosso projeto Caderno de Poemas, viabilizado através Fumproarte – Fundo Municipal de Produção Artística e Cultural de Porto

Insônia

Na madrugada estranha, calada o corpo acorda.
A alma está entorpecida.
Solidão facinora,
inimiga oculta.
Dores aumentam,
o medo assombra,
o pensamento transita.
Vaga moleque atrevido
que desdenha da insensatez
de se acordar
sem nunca ter adormecido.

Léris Seitenfus

no meio do



c
a
m

n
h
o

Alegre – é a comprovação de como o poder público pode incentivar a realização de iniciativas artísticas capazes de gerar um retorno social. Nossa poeta do mês é Léris Seitenfus, escritora, contadora de histórias, formada em pedagogia e pós-graduada em metodologia de língua portuguesa e literatura. Para ler Léris é preciso entender sua busca interior pela poesia, o desvendar honesto do cotidiano grito de sua alma ao mesmo tempo silencioso e tonitruante, onde os segredos se desvelam sem que se perca a intimidade. Léris Seitenfus é Gente de Palavra.

RMM

Antessala do inferno

Contei minhas lástimas
A um barqueiro do porto
Encapuzado, sinistro, lúgubre
Não podia ver suas mãos
Não podia ver seu rosto
Escondido em sombras
Em pútridas chagas
No fundo do barco
Flores mortas, pisadas,
Entrei no barco lastimosa, desconfiada
Não consegui silenciar
Fui logo contando tudo,
Como se fosse o preço a pagar,
pela viagem, pela travessia
O barqueiro permaneceu de costas
Durante todo o percurso, silencioso
O cheiro de flores mortas, se confundia
com o cheiro de suor, de sangue, de umidade
Rumamos para dentro do nevoeiro
Denso, pesado nevoeiro,
Como se entrássemos na antessala do inferno
Assim que a névoa gelada nos abraçou
Vi todos os meus fantasmas abraçados
Ao barqueiro do inferno
Mercador de almas...

Vera Celms



02



Os sinais

Saibam quantos cantam
Neste mundo insano
Deus não tem ouvidos
Deus não é humano.

Saibam quantos sonham
Neste mundo sem sinos
Deus só conhece os sinais
De quando éramos meninos
Os sinais puros
Os sinais divinos.

Paulo George

em As sílabas do afeto, Vidrágua - 2014

Vazio como afago

"Senhor,
Perdoai meus pensamentos impuros,
Esses que cheios de orgia
Levam-me para longe de qualquer Deus!

Perdoai-me por ser um anjo decaído
Nessa terra que tu mesmo criaste
E deixaste que eu pudesse aqui habitar
Com meu corpo sujo, minha asa imunda,
Meus desejos fétidos,
Cheirando a uísque barato
Saborosamente amargo na língua!

Perdoa Senhor
Por ser depravada, louca,
Mas essa foi a alma que me deste
E eu não visto outra!

Ave! Maria das putas, das obscenas
Vagas por aí só,
Dormes com essas e outras
Sorri, já tomaste a dose
Agora chora, já passou da hora!

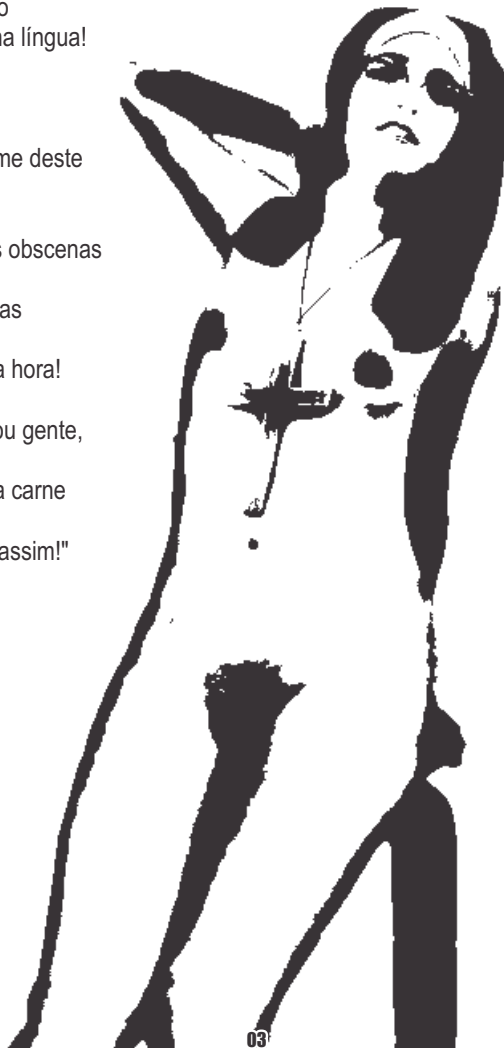
Perdoa, perdoa porque sou gente,
Porque moro nesse país,
Perdoa porque morro pela carne
Vivo pelo desejo
E não sinto culpa por ser assim!"

Giselle Maria

Não descance sobre meus braços esta ausência
Em breve, hei de acostumar-me a ela
E desta feita
Todo aceno será um afago

Irei enamorar-me do vazio
Daquela sombra posta sobre minha mão
Antes da sua partida.

Karinne Santiago





Controverso

assim
o mim
sucumbe ao eu
e me expresso
em duas faces
não sou o tu
não me rendo
a outro disfarce

Luiz Otávio Oliani

Recomendações finais

Quando pela última vez, você quiser me ajudar,
coloca em mim aquele terno de risca
que muitas vezes usei quando
nos encontrávamos no Little Hell.
Não se esqueça de colocar alguns cigarros
no bolso interno do meu paletó, afinal,
sempre aparece alguém para conversar
entre uma tragada e outra por aí.
Por favor, pingue ao redor do meu pescoço
duas ou três gotas de patchouly.
Passe uma flanela limpa
nos meus sapatos de verniz.
Apare os pelinhos do meu nariz e o meu bigode.
Plante um cravo vermelho na lapela. Um bem bonito!
Mas, não deixe que suas lágrimas reguem o maldito.
Por fim, não se importe com o valor das moedas
que você vai depositar sobre meu rosto branco.
Até onde eu sei...
o barqueiro nunca devolve o troco.

Carlos Fernando Leser



Barata

Marrom, misógina, divina!
obra-prima clariciana
porta-aviões recheado
essência de giz e coco.



Sonhos mofados

sonhos mofados, perdidos
no fundo de uma gaveta da alma
jorros impetuosos de palavras represadas
poemas dando nó na garganta
mapas empoeirados amarelando paisagens jamais
visitadas
amores assimétricos, inequação do desejo
da velha poltrona, esgarçada,
olhos esmaecidos contemplam horizontes sem perspectiva
sonhos mofados perdidos, para sempre,
no fundo de uma gaveta da alma

Angela Fonseca



Romance

o amor do soldado
em traços:
perfumes-canela,
gabriela, tereza,
tieta e flor
em rastros:
maresia, calmaria
e ternamente Amado.

Cris Dakinis
São Pedro da Aldeia
www.crisdakinis.com



Veríssimo

Bravo, o Capitão Rodrigo,
amor de Bibiana Terra,
não tinha medo de guerras:
vencia a qualquer inimigo.

De seu criador, o que digo?
Escritor reconhecido
— para alguns, subversivo —
e que nos pampas foi crescido.

Foi pelas mãos desse artista
que a saga do povo sulista
propagou-se aos quatro ventos.

Dando ao mundo a trilogia,
em que o Rio Grande reluzia:
consagrado pelo Tempo.

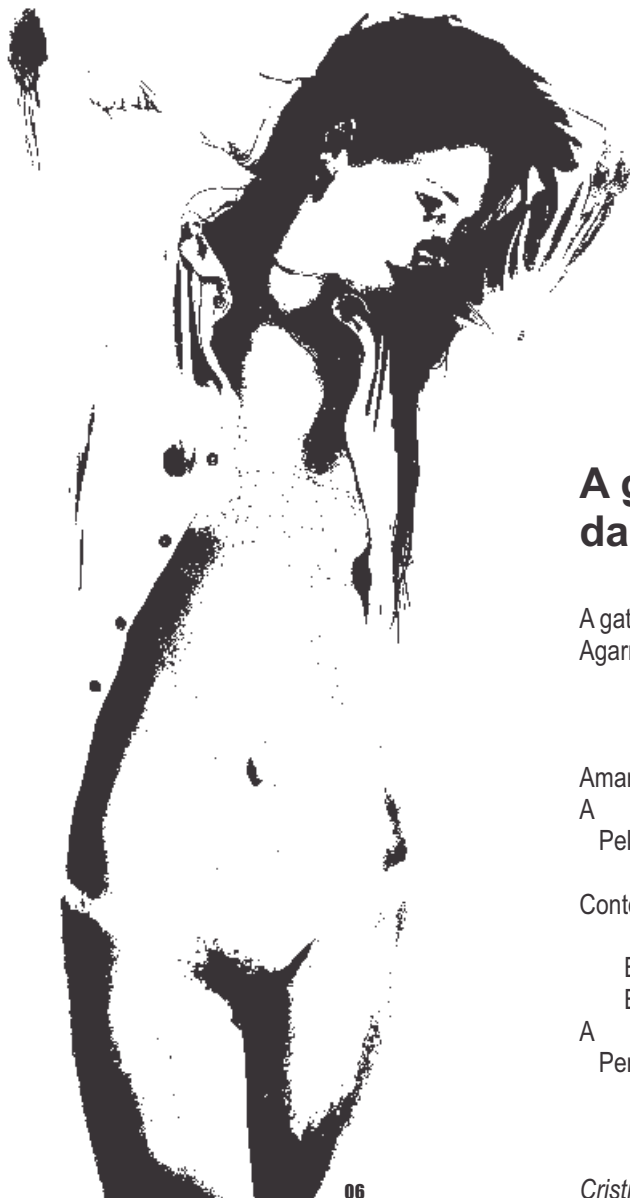
Edweine Loureiro



Consumir

é como sumir
com o sumo
da sociedade

Vinni Corrêa



ora puritana
ora devassa
pouco importa

deixava ele tonto
nas entrelinhas
entre goles de vinho

não era bela
nem atriz

era apenas feliz

Benette Bacellar

A gata ingrata da vida

A gata ingrata da vida
Agarra

Marca

Feroz

E fere

Amando

A

Pele

Não esquece

Contorce

aquece

Em guerra se mata

Em paz se morre.

A

Penas

Vi

Vê - se.

Cristiana Moura

La palabra que brota de la boca

En su cuarto,
una mujer,
impulsada por la mano nocturna,
mira cómo la sombra de la celosía
forma las líneas de una mano
sobre la soledad de su cuerpo.

En la noche de mi cuarto yo escribo
unos versos con forma de mujer.

Mi mano proyectada
por la luz de la lámpara
cubre el cuerpo del poema:
los ojos sostienen en vilo
la palabra que brota de la boca.

Édgar F. Güiza



Refugiar

que todos tenham
em algum lugar

um lugar
para se refugiar

um sol que aquece
mais do que nos
outros céus

um companheiro
com palavras mudas
e outro com presença
mansa

e que nenhum tenha pressa
de ir a lugar algum
porque suas companhias
solitárias
se bastam



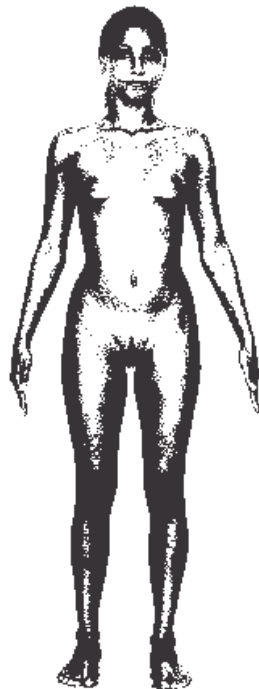
Lá vem a lua
Descendo a rua
De pés descalços
Completamente nua

Sorriso no rosto
Jogar de cabelos
Carrega a noite
Por entre aqueles olhos
belos

Em um súbito salto
Invade minha alma
Rouba minha calma
Leva de assalto

Sorri então pra mim
Nos seus lábios
Dormem todos os luas
Todas as estrelas e confins

Magaiver Wellington



Chrisellen Vieira

Sou pedra

Sou pedra.

Até aqui sou pedra;
pedra de carne, osso e espírito,
mas pedra.

Pedra bruta a rolar sem destino certo,
a esfolar-me a alma toda
– também de pedra –
estrada afora.

Sim, sou pedra.

Até aqui sou pedra.

Preciso ser pedra
para resistir à maldade humana,
à traição, à insensatez, à mediocridade, à provocação,
à inveja e à cólera injustificáveis de alguns;
ao deboche, ao escárnio e ao ódio gratuito
de muitos outros.

Sim, sou pedra.

Preciso ser pedra para aturar o mundo.

Matusalém Dias de Moura



Bandeira da manhã

Meus poemas brotam
no campo minado
onde plantei ogivas
para explodir os neutros,

meus versos singram
tangentes e divergências,
como quem cava túneis

e no caminho que fazem
na busca de horizontes
deixam um tapete rubro

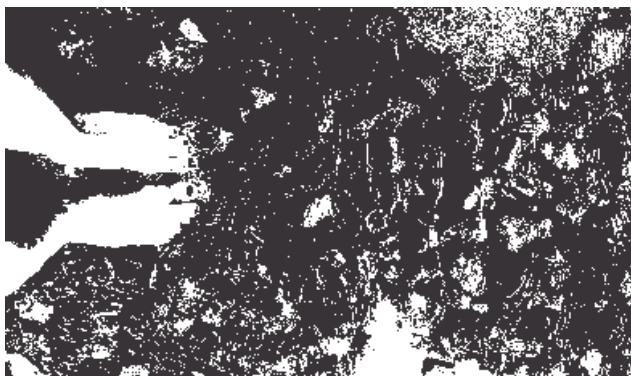
para lembrar aos convivas
que neste chão onde pisam
sobram máculas para todos.

Antonio Cabral Filho
MAFUÁ DO MALUNGO CABRAL
<http://acf1408.blogspot.com.br/>

Cartas

Cartas
Viradas
De um jogo
Morno
Onde o rei
Esnobe
Humilha
O valete
Subordinado
Do dia
A dia
Mercado
Pela Injustiça
Hipócrita
Da pirâmide
Socialmente aceita
Desde o princípio
Dos tempos...
Acorda homem!
Todo o jogo
Pode ser ganho
A tática
É a vida.

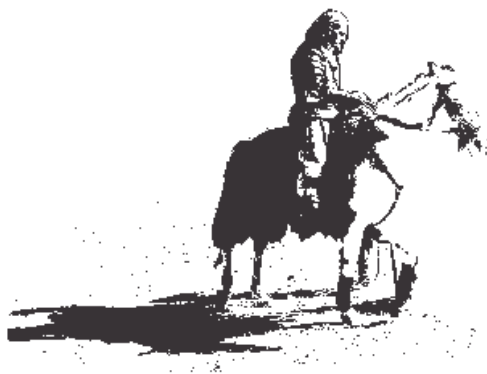
Lilian Rose M. da Rocha



Os pés

Pisas pisos duros.
Na amargura os toca.
Pisos tenteados,
em pisos elevados pisas,
também nos pisos decaídos.
Os da amargura são
os da vida em agruras.
A vida consiste num pisar.
Não conheces o piso em que pisas.
Vives sem notar as estruturas
que a ti são pisadas.
Quando a vida é a nós pisada
é pesada vida.
Estes são pés que sentem os pisos.
Outros que os flutuam,
suaves pisos não sentidos
porque não percebidos.
E a vida passa leve quando
não percebes o piso que
não tocas.

Jorge Colleta Serafim



A vida é a inspiração

Posso ouvir os portões
Se abrirem na madrugada,
São homens correndo para a batalha.
Cerração, frio cortante,
Nada é bastante para impedi-los.

Logo mais os filhos é que partem,
E só mais tarde se voltam a ver,
Mas o que os atrai,
O que os põe de pé
É mistério de cada um,
Só que um mistério comum:
A vida é a inspiração.

Ela sussurra em seu ouvido
Cantigas de ousadia
E aquele que pretendia desistir
Outra vez se animou.
A vida inspira cada ser
Nesse crescer tortuoso.

Caminhando, é preciso
O risco, a sorte e a misericórdia,
E nossa história se escreve
E o coração agradece
Com o mundo a prosperar,
Pois nada se pode esperar do homem
Sem esperança, sem fé, sem amor.

Gabriela Claudino

Vamos bela menina,
atravessar os mares de encanto
e fúria.
Cruzar as terras pintadas
de sangue,
desfacelar nossos corpos
na estrada da juventude,
onde pegaremos o atalho
para a eternidade.
Vamos bela menina,
de mãos dadas
mesmo sozinhos,
alados mesmo que sem asas,
desvirtuar tudo o que foi programado
nas correntes dos cérebros impuros,
tocar as palavras com
o tatear da vida,
beijar as metáforas
com o que sobrou da solidão.
Vamos minha bela menina
olhar nossos olhos
no espelho
e sorrir com a enchente
de nossas almas.

Aron dos Santos Pereira



Cruzea

sou língua de sal
não poupo palavras
em mim nenhum Deus
em mim só um homem
que peca e execra
e desfeito em dores
sobrevive a quedas
sem nenhum pudor
à sorte me atrevo
só creio em meus atos
vejo o que não devo:
o osso em vez da carne

Jorge Ventura



O pudor irrevelado

Assustado acordo
num lampejo da madrugada
e ouço sons, gemidos
não definíveis.
Arde-me o motivo
de corpo ausente.
A saudade é um sino
que solapa o entorno.

O acalanto enrijece o ventre
e o prazer nunca deixa
que o vazio remeta a silhueta
ao esquecimento.

Estás rediviva
– asas de labaredas –
entre minhas pernas,
ereta de desejos.

Mais vivaz do que nunca
o corpo nu
aconchega o cansaço
e abraça o travesseiro.
Sonha-me a noite
despida de pudores.

Joaquim Moncks

Do livro inédito O AMAR É FÓSFORO, 2012

<http://www.recantodasletras.com.br/poesiasdeamor/4039339>

Sossego

A tal de doçura
Às vezes foge de casa
Diz que vai embora
Mas quê!
É aqui que ela mora
E com a idade
(tempo da delicadeza)
Anda cada vez mais caseira
Essa moça
E tendo um caso sério
Com o silêncio
Aquele moço tão sereno...

Jeane Bordignon de Jesus



Dasein

Ah! Uma dor pungente meu peito dilacera
É a dor de uma angústia tênue intensa
O grito existencial da alma humana...

Quem dera nossas almas inda gritassem
E num ímpeto vazio assassinassem...
Todas as moléculas desse barro vil!

Quão tormentosas e tolas as divagações de minha
[mente
Cartas minhas insolentes endereçadas somente a
[mim...

Eu sei, que em toda vida persiste
Uma angústia atônita e triste
Que necessita expressar-se enfim...

Mas porque será que a vida tem de ser
[convulsa?
E o amor mais belo chegar ao fim?

E renascer...
Avassalador, impaciente, frenético!
E, pois então sofrer... morrer, modificar-se...
[renascer

Tudo nessa vida é amor, angústia, dor intensa!
Medo, esperança, e por fim incerteza.

Henrique Veber



Futebol

A gurizada e a bola
companheira como livros da escola
objeto do desejo
alegria escancarada
qualquer campo qualquer canto joga
deita rola se embola feito tatu-bola
corre grita cai bolado
bolada rala joelho cotovelo
cabeçada...chora...xinga...resfolega
de novo de posse da bola em campo
aberto
quica voa do passe aéreo ao chão
passeia nos pés dos guris
marcação cerrada
corpo a corpo no embate
no encaço pedala...pedala...chuta...e...
– O juiz apita! A torcida grita
celebração em Ola;
– É gol!
Vibração geral
correm todos para o abraço!
...Na escola o assunto que mais rola
hoje:– a bola!

Conceição Hyppolito

Editado e impresso em Porto Alegre por Gente de Palavra Microeditora
www.gentedepalavra.com.br
gentedepalavra@hotmail.com

Esta edição: 100 exemplares.
Revisão: Estevão Cogoy (IEL) e Michelle Hernandes (Gente de Palavra);
redação, projeto gráfico e diagramação: Renato de Mattos Motta

Conselho Editorial:
Erivoneide Barros e Paulo Roberto do Carmo

Porto Alegre, julho de 2014.

